

a folha

Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias

<http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine>

N.º 29 — Primavera de 2009

A TERMINOLOGIA DA NECESSIDADE. ALGUMAS PALAVRAS SOBRE NEVE — <i>Pedro Dias</i>	1
A FROTA RUSSA DO BÁLTICO — <i>Luís Filipe PL Sabino</i>	3
FÓRMULAS PROTOCOLARES — <i>Paulo Correia</i>	5
UM MUNDO DIVIDIDO EM CONDADOS? — <i>Joana Garnel Freitas</i>	10
FALSOS AMIGOS PORTUGUÊS-ESPAANHOL / ESPAÑOL-PORTUGUÊS – UMA CONTRIBUIÇÃO — <i>Monique da Silva</i>	15
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS – IDIOSINCRASIAS CURIOSAS DA LÍNGUA PORTUGUESA — <i>Augusto Múrias</i>	19

A terminologia da necessidade. Algumas palavras sobre neve

Pedro Dias

Comité Económico e Social Europeu – Comité das Regiões

Tendo chegado há poucos meses a Bruxelas vindo do Sul de Portugal, deparei-me este Inverno com o primeiro verdadeiro nevão da minha vida. Para além do frio intenso, do encanto com o manto branco e de recitações espontâneas da «Balada da Neve» de Augusto Gil, descobri que me falta o vocabulário para falar daquele fenómeno atmosférico.

É um factóide linguístico comumente conhecido e citado que os esquimós têm x palavras para falar de neve, sendo que x descreve um número que pode variar entre quatro e quatrocentas, conforme as fontes. No filme «Being John Malkovich», por exemplo, um dos personagens situa esse número em 10 e outro em 50; Roberto Civita, presidente da Editora Abril, escrevia em Dezembro passado n'«O Globo»⁽¹⁾ que são 32; Ana Martins, no jornal «Sol»⁽²⁾, escrevia em Outubro de 2007 que são «muitas palavras para o conceito de neve e nós só temos uma». Aparentemente, no entanto, trata-se de mais um mito sem fundamento, propalado enquanto curiosidade e inflacionado por sucessivos livros, artigos de jornal e comentários na Internet. Dois académicos interessados em questões de linguística e de tradução, W. John Hutchins e Harold Somers, escreviam em 1995: «De hecho, se trata de uno de los grandes mitos de la lingüística; en realidad existen sólo dos palabras que expresan la idea de “nieve” en esquimal (*qanik*, para significar “nieve en el aire”, y *aput* para significar “nieve en el suelo”).»⁽³⁾

⁽¹⁾ Cf. CIVITA, Roberto — Sobre Esquimós e Larápios. *Blog do Noblat* [em linha].

http://oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?t=sobre-esquimos-larapios&cod_post=149790. [Consult. 12.1.2009].

⁽²⁾ Cf. MARTINS, Ana — São Assim as Palavras. *Ciberdúvidas*. <http://www.ciberduvidas.pt/lusofonias.php?rid=1441> [Consult. 10.1.2009].

⁽³⁾ Citado em SANROMÁN, Álvaro Iriarte — A Unidade de Análise e Descrição Lexicográficas. *Diacrítica*. 2001–02. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3316/1/A%20Unidade%20de%20An%C3%A1lise%20Lexicogr%C3%A1fica.pdf>. [Consult. 10.1.2009].

Na verdade, quando dizemos que os esquimós têm muitas palavras para neve e que nós temos apenas uma, cometemos duas imprecisões – nem eles têm assim tantas, nem nós temos assim tão poucas.

Temos, em primeiro lugar, a **neve** propriamente dita. Que por norma cai na forma de **flocos de neve**, mas que pode cair na forma de **neve granular** ou de **graupel**. Para não falarmos apenas de **queda de neve**, poderemos dizer que está a **nevar**, ou seja, que em determinado local temos **nevação** (ou **nivação**). Se essa queda for fraca, estará apenas a **neviscar**, mas se for intensa, então falaremos de uma **tempestade de neve**, de um **nevão** ou de uma **nevasca**. Quando o vento nordeste sopra essa neve sobre os montes da Beira Interior, temos a **neve-ladroa** de que falava Aquilino Ribeiro. Se a precipitação for intensa, precisaremos de um **limpa-neve** para conseguirmos regressar a casa. Até lá chegarmos, convém proteger a vista da intensa radiação solar reflectida, que pode provocar a temível **cegueira da neve**.

Se as condições meteorológicas estiverem reunidas, em vez de **flocos** podemos ter formas mais líquidas, como a **aguaneve** ou **água-neve**, ou mais sólidas, que se traduzem em **chuva congelada**, **granizo** (ou **saraivada**) e **pelotas de gelo**. Tudo isto cai sobre a terra; entretanto, cá em baixo assistimos à formação de **gelo**, **cristais de gelo**, **geada**, **geada branca** ou **sincelo** (também conhecido por **sanceno**), ou simplesmente de um bonito e frio **manto de neve**.

Da paisagem assim posta «da cor do linho» (Augusto Gil *dixit*), diz-se que está **nevosa** (ou **nivosa**) ou **nevada**. Mas este adjectivo pode também ser um nome feminino, **nevada**, significando simplesmente a queda de neve, ou um nome masculino, **nevado**, quando designa o pó branco que resulta da desagregação dos **cristais de neve** por acção do sol. À queda desta neve rarefeita chamamos **nevisco**. Outro nome para essa neve mais rala é **farinhota**, cuja etimologia facilmente se imagina. Os **flocos de neve** podem ainda ser designados por **folheca**, ou pela sua variante **foleca**, quando são leves e finos sem serem pó. Se os **flocos** forem mais crespos falamos de **escarcha**, que deixa as árvores todas **escarchadas**, ou seja, ásperas e cobertas de neve e gelo, o que normalmente é negativo para a produtividade agrícola.

Voltando àquela «nivosa» já referida, podemos ainda acrescentar que teve uma forma masculina, **Nivoso**, que designava um mês criado durante a Revolução Francesa, correspondendo ao período entre 21 de Dezembro e 19 de Janeiro.

Quando uma coisa pode ser descrita como sendo «semelhante a neve», diríamos que é **niviforme**. Caso se assemelhe àquela forma de precipitação apenas na cor, será **nívea** ou **niveal**. Um exemplo de um artigo niviforme é o gelado, cuja forma mais nívea e original era, já no século XVII, apregoada pelos **neveiros** nas ruas de Lisboa. E, a propósito, uma **neveira** seria o recipiente onde se guardavam esses mesmos gelados. O termo **neveiro**, além do vendedor, poderia ser também uma designação alternativa para um **poço de neve**, uma edificação utilizada para recolher neve que, depois de compactada, gelava e era despachada para a capital, onde iria refrescar as mesas reais durante todo o ano. Esse trabalho de recolha de neve era tão importante que foi instituído o cargo de **neveiro-mor** da Casa Real; em finais do século XVIII esse cargo era ocupado por Julião Pereira de Castro, que ordenou obras de reedificação e melhoramentos na **Real Fábrica do Gelo**, na Serra de Montejunto, e que junto dos poços de neve em Castanheira de Pera ordenou a construção de uma capela, actualmente conhecida como **Santo António da Neve**. A neve recolhida nestas instalações altamente especializadas era, como dissemos, enviada para Lisboa, onde, além do serviço ao Rei, seria disponibilizada em estabelecimentos selectos, como o antigo **Café da Neve**, depois conhecido como Martinho da Arcada.

No alto das montanhas, onde as temperaturas são sempre baixas, temos **neves eternas** (ou **neves perpétuas**), pelo menos enquanto o aquecimento global o permitir. Para aquilatar desse aquecimento, uma referência é justamente a **cota de neve**, ou seja, a altitude a que a neve se forma. E como medimos a quantidade de neve depositada na nossa paisagem? Naturalmente usando um **nivómetro** (ou **nevómetro**).

Como se vê, a variedade é grande. A tudo isto poderemos naturalmente juntar inúmeras variantes semânticas regionais, mas o essencial fica demonstrado. Que ao português, mesmo não sendo língua de esquimó, não faltam termos para falar de neve. Talvez porque em todo o lado há portugueses, mesmo em sítios com neve e gelo e toda a meteorologia associada. Como Bruxelas.

Pedro.CaetanoDias@eesc.europa.eu



A frota russa do Báltico

Luís Filipe PL Sabino

Antigo funcionário — Comissão Europeia; Comité Económico e Social Europeu – Comité das Regiões

Dizia provir de um país do Báltico e tinha consigo, pela praia, um braco de Weimar, sob a forma de canídeo que não de namorado, entenda-se. Dizia chamar-se Nadya⁽¹⁾. Que os pais haviam fugido da Checoslováquia em 1968, por entre grandes peripécias e alguns decessos inoportunos que envolveram um agente britânico e uma empregada de restaurante de origem albanesa (esta, soube-se depois: trabalhava para um serviço de informações de um Estado do próximo Oriente, segundo o que a «minha» Nadya relatava). Que estudara o finlandês e o alemão. Eu olhava-a e acreditava em tudo. E olhava o mar em redor: na baía ampla, sob um manto de nuvens plúmbeas e de bruma que a tudo davam um aspecto glacial, fundeavam alguns navios que me recordavam a frota russa do Báltico, que, aliás, apenas vi numa gravura adquirida numa *brocante* para os lados de Waterloo, no Brabante valão, na Bélgica. E mais disse: que estava a traduzir para o idioma dela o Tratado de Lisboa, a solicitação de uma editora do Báltico (apenas reproduzo o que me foi dito...), e que tinha muitas dúvidas, pois utilizava como língua de partida a nossa. Que podia talvez ajudá-la... aventei, pois nessa matéria tinha alguma experiência não negligenciável, embora não passasse, eu, de um simples engenheiro naval, licenciado na África do Sul, divorciado e sem filhos; ela aceitou. E lá fui horas depois a casa dela, com chá, scones e tudo. O de Weimar, de fateixa arreganhada como se eu fosse da casa. A garota mostrou-me uns trechos do Tratado⁽²⁾ em português em que andava a apanhar bonés e queria que eu lhe trocasse aquilo por miúdos: tentei simplificar um ou outro artigo, a título de amostra, que a tarefa era ingente... Deixo aqui, como exemplo, proposta (parcial e em itálico) para os artigos 31.º e 41.º:

Artigo 31.º (ex-artigo 23.º do TUE)

1. As decisões ao abrigo do presente capítulo são tomadas pelo Conselho Europeu e pelo Conselho, deliberando por unanimidade, salvo disposição em contrário do presente capítulo. Fica excluída a adopção de actos legislativos.

Minha proposta de simplificação:

Exceptuando a adopção de actos legislativos, e salvo disposição em contrário do presente capítulo, as decisões ao abrigo deste são tomadas por unanimidade pelo Conselho Europeu e pelo Conselho.

Qualquer membro do Conselho que se abstenha numa votação pode fazer acompanhar a sua abstenção de uma declaração formal nos termos do presente parágrafo. Nesse caso, não é obrigado a aplicar a decisão, mas deve reconhecer que ela vincula a União. Num espírito de solidariedade mútua, esse Estado-Membro deve abster-se de qualquer actuação susceptível de colidir com a acção da União

⁽¹⁾ All characters appearing in this work are fictitious. Any resemblance to real persons, living or dead, is purely coincidental.

⁽²⁾ Versão Consolidada do Tratado da União Europeia. Jornal Oficial C 115 de 9.5.2008, p. 13.
<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2008:115:0013:0045:PT:PDF>.

baseada na referida decisão ou de a dificultar; os demais Estados–Membros respeitarão a posição daquele. Se os membros do Conselho que façam acompanhar a sua abstenção da citada declaração representarem, no mínimo, um terço dos Estados–Membros que reúna, no mínimo, um terço da população da União, a decisão não é adoptada.

Minha proposta de simplificação:

O membro do Conselho que se abster numa votação pode fazer uma declaração nos termos do presente parágrafo e pode não aplicar a decisão, devendo, todavia, reconhecer que a mesma vincula a União. Num espírito de solidariedade mútua, esse membro não dificultará nem agirá contrariamente à acção da União baseada na referida decisão; os outros membros respeitam a posição daquele. A decisão não é adoptada se os membros que se abstiveram e produziram a declaração representarem pelo menos um terço dos Estados–Membros e pelo menos um terço da população da União.

2. Em derrogação do disposto no n.º 1, o Conselho delibera por maioria qualificada:

- sempre que adopte uma decisão que defina uma acção ou uma posição da União com base numa decisão do Conselho Europeu sobre os interesses e objectivos estratégicos da União, referida no n.º 1 do artigo 22.º,
- sempre que adopte uma decisão que defina uma acção ou uma posição da União sob proposta do Alto Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança apresentada na sequência de um pedido específico que o Conselho Europeu lhe tenha dirigido por iniciativa própria ou por iniciativa do Alto Representante,
- sempre que adopte qualquer decisão que dê execução a uma decisão que defina uma acção ou uma posição da União,
- sempre que nomeie um representante especial nos termos do artigo 33.º,

Minha proposta de simplificação:

2. (...)

- *em caso de decisão de acção ou de posição da União com base em decisão do Conselho Europeu sobre interesses e objectivos estratégicos da União, referidos no n.º 1 do artigo 22.º,*
- *em caso de decisão de acção ou de posição da União sob proposta do Alto Representante..., subsequente a pedido específico do Conselho por iniciativa própria deste ou do Alto Representante,*
- *em caso de decisão executória de decisão de acção ou de posição da União,*
- (...)

Se um membro do Conselho declarar que, por razões vitais e expressas de política nacional, tenciona opor-se à adopção de uma decisão a tomar por maioria qualificada, não se procederá à votação.

Minha proposta de simplificação:

Não haverá votação quando, por razões expressas e vitais de política nacional, um membro do Conselho declarar opor-se a uma decisão a tomar por maioria qualificada.

O Alto Representante, em estreita consulta com o Estado–Membro em causa, procura encontrar uma solução que este possa aceitar. Caso essas diligências não sejam bem sucedidas, o Conselho, deliberando por maioria qualificada, pode solicitar que a questão seja submetida ao Conselho Europeu, a fim de ser adoptada uma decisão por unanimidade.

Minha proposta de simplificação:

O Alto Representante..., buscará solução por este aceitável. Em caso de inêxito, o Conselho..., pode solicitar a submissão do assunto ao Conselho Europeu para decisão por unanimidade.

3. O Conselho Europeu pode adoptar, por unanimidade, uma decisão que determine que o Conselho delibere por maioria qualificada em casos que não sejam os previstos no n.º 2. (...)

Minha proposta de simplificação:

O Conselho Europeu pode decidir por unanimidade que o Conselho delibere por maioria qualificada nos casos não previstos no n.º 2.

4. O disposto nos n.ºs 2 e 3 não é aplicável às decisões que tenham implicações no domínio militar ou da defesa.

Minha proposta de simplificação:

O disposto nos n.ºs 2 e 3 não se aplica às decisões com implicações nos domínios militar ou da defesa.

(...)

Artigo 41.º (ex-artigo 28.º do TUE)

1. As despesas administrativas em que incorram as instituições por força da aplicação do presente capítulo ficarão a cargo do orçamento da União.

Minha proposta de simplificação:

São encargo do orçamento da União as despesas administrativas das instituições decorrentes da aplicação do presente capítulo.

(...)

.....

Nunca mais voltei a vê-la. Uma vizinha, inquirida, afirmou que lhe constava que a Nadya trabalhara na embaixada do Egipto e que desaparecera sem tir-te nem guar-te. *Affaire à suivre.*

luis.f.sabino@gmail.com



Fórmulas protocolares

Paulo Correia

Direcção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

A Comissão Europeia elabora correspondência externa em língua portuguesa em conformidade com os artigos 2.º e 3.º do Regulamento n.º 1, que estabelece o regime linguístico da Comunidade Económica Europeia⁽¹⁾:

Artigo 2.º

Os textos dirigidos às instituições por um Estado-Membro ou por uma pessoa sujeita à jurisdição de um Estado-Membro serão redigidos numa das línguas oficiais, à escolha do expedidor. A resposta será redigida na mesma língua.

⁽¹⁾ <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/consleg/1958/R/01958R0001-20070101-pt.pdf>.

Artigo 3.º

Os textos dirigidos pelas instituições a um Estado-Membro ou a uma pessoa sujeita à jurisdição de um Estado-Membro serão redigidos na língua desse Estado.

Esta correspondência pode ter diferentes níveis de formalismo em função do assunto tratado e do destinatário, indo de uma mensagem electrónica ou carta de resposta a um cidadão ou entidade portuguesa que se dirigiu em português à Comissão a uma nota formal que um comissário ou director-geral envia ao representante permanente de Portugal junto da União Europeia, a ministros do Governo português ou a directores-gerais da administração pública portuguesa.

Nesta correspondência oficial entre a Comissão e estas entidades utilizam-se fórmulas protocolares, que embora não sendo rígidas, devem obedecer a certas regras. Mais particularmente no que se refere às notas formais, embora não existam normas nacionais sobre a matéria, há, porém, algumas obras de referência que convém ter em conta, entre as quais se destaca o *Manual Diplomático* de José Calvet de Magalhães, cuja terminologia será aqui seguida.

Neste artigo passar-se-ão em revista as diferentes partes que compõem uma **nota formal**, assim como as formas de cortesia recomendadas, recordando-se que nem todos os destinatários têm direito ao mesmo tratamento. Referir-se-ão ainda algumas convenções tipográficas nem sempre observadas e, em anexo, apresenta-se um exemplo de uma nota formal dirigida por um director-geral da Comissão Europeia ao representante permanente de Portugal junto da União Europeia, de acordo com o modelo proposto pela coordenação linguística do Departamento de Língua Portuguesa da Direcção-Geral da Tradução.

Destinatário da nota formal

Muitas das questões que se levantam regularmente na redacção de uma nota formal prendem-se com a forma como nos devemos dirigir ou como nos devemos referir ao destinatário:

- **Denominação** (*appel*);
- **Tratamento** (*traitement*).

A **denominação** é o título da pessoa a quem a comunicação se dirige, ou seja:

Senhor Ministro
Senhor Embaixador
Senhor Director-Geral

O **tratamento** é a forma de cortesia aplicada ao correspondente, variando consoante as respectivas funções. No caso das notas formais:

Excelência

O tratamento pode ser directo ou indirecto em função da parte da nota onde ocorre:

Vossa Excelência, V. Ex.ª
Sua Excelência, S. Ex.ª

De acordo com a prática do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, a utilização do tratamento por extenso ou na forma abreviada⁽²⁾ depende da posição na hierarquia do Estado. Assim:

- **Excelência** aplica-se apenas a figuras no topo da hierarquia do Estado⁽³⁾ (presidentes da República, presidentes da Assembleia da República, primeiros-ministros, presidentes do Supremo Tribunal de Justiça e presidentes do Tribunal Constitucional, presidentes do Supremo Tribunal Administrativo e presidentes do Tribunal de Contas e antigos presidentes da República).
- **Ex.^a**⁽⁴⁾ aplica-se de ministros até secretários-gerais da Presidência da República, da Assembleia da República, da Presidência do Conselho de Ministros ou do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Partes da nota formal

As notas formais são constituídas pelas seguintes partes:

- **Lugar e data**
- **Fórmula inicial de cortesia**
- **Assunto**
- **Fórmula final de cortesia** (*courtoisie*)
- **Assinatura ou subscrição** (*souscription*)
- **Visto ou endereço** (*réclame*)

O **lugar e data** consiste na menção do lugar onde a comunicação foi expedida e da data. Escreve-se em cima, do lado direito da folha.

A **fórmula inicial de cortesia** consiste, obrigatoriamente, no título (denominação) da pessoa a quem a comunicação se dirige, ou seja:

*Senhor Ministro,
Senhor Embaixador,*

A prática parece tender a consagrar a utilização de vírgula depois da denominação, em detrimento do uso, igualmente correcto, dos dois pontos, do ponto ou mesmo da ausência de pontuação⁽⁵⁾. Na fórmula inicial de cortesia, a denominação poderá ser escrita à mão pelo remetente.

O **assunto** é o texto propriamente dito da nota formal.

No caso de se utilizar a menção «Assunto:» explicitando resumidamente o tema da nota, esta menção deveria ser colocada depois da fórmula inicial de cortesia, embora tal nem sempre aconteça, sendo seguida a ordem utilizada no original.

No assunto pode incluir-se o tratamento directo (2.^a pessoa) aplicado ao correspondente. Estas formas de cortesia variam consoante as respectivas funções:

*Vossa Excelência
V. Ex.^a*

⁽²⁾ Ver: Abreviaturas e símbolos — Fórmulas de tratamento. *Código de Redacção Interinstitucional* [em linha].

<http://publications.europa.eu/code/pt/pt-5000300.htm>.

⁽³⁾ Para efeitos protocolares, as altas entidades públicas hierarquizam-se pela ordem indicada na *Lei das precedências do Protocolo do Estado Português* (Lei n.º 40/2006, de 25 de Agosto), <http://dre.pt/pdf1sdip/2006/08/16400/61856190.PDF>.

⁽⁴⁾ A abreviatura «S. E.» deverá evitar-se, pois pode confundir-se com a abreviatura de Sua Eminência.

⁽⁵⁾ Ver: FERREIRA, Carlos — Dois Pontos. *Ciberdúvidas* [em linha].

<http://www.ciberduvidas.pt/controversias.php?rid=1103>.

A **fórmula final de cortesia** é a expressão usada pelo signatário para concluir a nota, variando consoante a categoria do destinatário, podendo ser, por exemplo:

Aproveito esta ocasião, Senhor Ministro, para reiterar a V. Ex.^a a expressão/os protestos da minha mais elevada/alta consideração

Aproveito esta ocasião, Senhor Embaixador, para reiterar a V. Ex.^a os protestos da minha mais alta consideração

Pode aparecer aqui novamente a denominação e o tratamento directo da pessoa a quem a comunicação se dirige.

A **assinatura ou subscrição** consiste na assinatura do remetente.

Nas notas formais, o **visto ou endereço** consiste na menção do nome e categoria do destinatário da nota, colocada ao fundo, do lado esquerdo da primeira página, imediatamente acima do rodapé.

No endereço, o tratamento é indirecto (3.^a pessoa):

Sua Excelência
S. Ex.^a

Embora contendo elementos comuns com o endereço a inscrever no sobrescrito, o supracitado visto ou endereço presente na nota formal não se destina aos serviços postais, pois não se situa no espaço correspondente a uma eventual janela do sobrescrito⁽⁶⁾.

O Código de Redacção Interinstitucional indica no capítulo 9.1. «Endereços»⁽⁷⁾ as regras a utilizar para o endereço postal. De entre essas regras destaca-se o abandono, em muitos países, dos antigos códigos postais de país utilizados no correio internacional (por exemplo, 1049 Bruxelles e não B-1049 Bruxelles).

Observação final

O texto das notas formais e de outras formas de correspondência da Comissão é enviado tal como sai dos serviços de tradução, não sendo formatado posteriormente por nenhum outro serviço (o Serviço das Publicações apenas intervém para textos destinados a publicação). Assim, devem utilizar-se, desde o início, as convenções tipográficas correctas nas abreviaturas de denominações e tratamentos⁽⁸⁾. Por exemplo:

Ex.^a (em vez de *Exa.*)
Ex.^{mo} (em vez de *Exmo.*)

Paulo.Correia@ec.europa.eu

⁽⁶⁾ Nas cartas em que o endereço postal é escrito no próprio documento, deve ser escrito no espaço superior direito correspondente à «janela» do sobrescrito.

⁽⁷⁾ Ver: Endereços. *Código de Redacção Interinstitucional* [em linha]. <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-390100.htm>.

⁽⁸⁾ Ver: Abreviaturas e símbolos — Fórmulas de tratamento. *Código de Redacção Interinstitucional* [em linha]. <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-5000300.htm>.



COMISSÃO EUROPEIA
DIRECÇÃO-GERAL

Director-Geral

Lugar e data:

Bruxelas,

Fórmula inicial de cortesia:

Senhor Embaixador,

Assunto:

..... V. Ex.^a
.....
.....

Fórmula final de cortesia:

Queira aceitar, Senhor Embaixador, os protestos da minha mais elevada consideração

Assinatura:

.....
Director-Geral.....

Visto ou endereço:

S. Ex.^a o Representante Permanente de Portugal
junto da União Europeia
Embaixador Manuel Lobo Antunes
Avenue de Cortenbergh 12
1040 Bruxelles

Um mundo dividido em condados?

Joana Garnel Freitas

Estagiária — Direcção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

[Com a colaboração de Paulo Correia, Direcção-Geral da Tradução — Comissão Europeia]

Actualmente, a referência a regiões de países europeus (e não só) por tradução a partir de originais em inglês leva a uma curiosa expansão do termo «condado» para designar entidades administrativas locais de nível médio, mesmo em países de tradição republicana.

Condado

O termo português «condado» provém da palavra «conde». Esta última, por sua vez, derivou do latim e sofreu, segundo José Pedro Machado⁽¹⁾, a seguinte evolução: a palavra original era *comite* e tinha como significado «companheiro, companhia de viagem»; com o tempo, houve uma alteração no termo, ocorrendo a síncope do *i* interconsonântico (*comite*) e consequente sonorização da consoante surda *t* (*comde*), e também de significado, uma vez que passou a entender-se como *comde* aquele que tinha poder. Partindo deste vocábulo, surgiu *condatu* que evoluiu depois para *condadu*, havendo uma substituição da consoante surda *t* pela consoante sonora *d* em posição intervocálica. O mesmo tinha como significado «uma região governada por um conde» e deu origem ao termo actual «condado».

Com base nas tabelas seguintes vejamos como o grupo semântico «conde»/«condado» é designado nas 23 línguas oficiais da União Europeia:

Denominações de origem germânica

Idioma	Título nobiliárquico	Território
Alemão	Graf	Grafschaft
Búlgaro	Граф	Графство
Checo	Hrabě	Hrabství
Dinamarquês	Greve	Grevskab
Eslovaco	Gróf	Grófstvo
Esloveno	Grof	Grofiija
Estónio	Krahv	Krahvkond
Finlandês	Kreivi	Kreivikunta
Húngaro	Gróf	Grofovija
Letão	Grāfs	Grāfistes
Lituano	Grafas	Grafystė
Neerlandês	Graaf	Graafschap
Polaco	Hrabia	Hrabstwo
Sueco	Greve	Grevskap

Denominações de origem latina

Idioma	Título nobiliárquico	Território
Espanhol	Conde	Condado
Francês	Comte	Comté
Grego	Κόμης	Κομητεία
Irlandês	Cunta	Contae
Italiano	Conte	Contado
Maltês	Konti	Kontea
Português	Conde	Condado
Romeno	Conte	Comitat

Outras denominações

Idioma	Título nobiliárquico	Território
Inglês	Earl	Earldom

Em geral, nas línguas dos 27 Estados-Membros, temos casos de derivações do latim e outros de origem germânica. No que se refere à língua inglesa, aos termos «conde» e «condado» correspondem «earl» e «earldom», respectivamente, reportando-se apenas à realidade das Ilhas Britânicas. O primeiro derivou do saxão antigo e o segundo da sufixação *earl* + *dom*.

⁽¹⁾ MACHADO, José Pedro — *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 6.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

County

Os termos «count» e «county» foram importados pela língua inglesa a partir do francês. Hoje em dia, são utilizadas para expressar a ideia de «conde» e «condado» num contexto exterior às Ilhas Britânicas⁽²⁾. Na realidade das Ilhas Britânicas, o termo «county» passou a significar apenas um território com um governo local⁽³⁾. Os Estados Unidos da América também usam o vocábulo «county» para designar as subdivisões administrativas dos diferentes Estados⁽⁴⁾.

O «county» surge-nos igualmente usado neste sentido em textos da União Europeia em língua inglesa para designar as regiões do terceiro nível da nomenclatura das unidades territoriais (NUTS-3) de alguns dos 27 Estados-Membros, do mesmo modo que em língua francesa se utiliza geralmente «département» para essas mesmas regiões. O problema com o termo «county» surge quando partimos deste último e o traduzimos automaticamente como «condado». É uma tradução simplificada que, com o obsoletismo da definição de «county» como um território governado por um conde, deixa de ser correcta quando nos estamos a referir a áreas administrativas locais. Efectivamente, se compararmos as tabelas das diferentes denominações do grupo semântico «conde»/«condado» com a tabela dos níveis NUTS das unidades administrativas nacionais (ver anexo), conclui-se que estas nunca são designadas com o termo correspondente a «condado» nas respectivas línguas.

Com o propósito de se evitar essa tradução, surge, então, a necessidade de se encontrar uma designação para as variadas divisões administrativas, tendo como ponto de partida a língua original. Todavia, há certos casos em que se torna mais difícil encontrar uma tradução que expresse correctamente o conceito do termo original, como é o caso de «Kreis», «arrondissement», «област», «landsdel», «maakond», «megye», «apskritis», «judet» e «län». Contudo, concluiu-se que, devido às características destas últimas, nomeadamente a sua subdivisão em municipalidades, as mesmas equivalem a um **distrito**. Com esta designação padrão evita-se também que uma mesma região seja umas vezes traduzida como «condado» (a partir de originais em língua inglesa) e outras como «departamento» (a partir de originais em língua francesa).

Para facilitar a tradução da designação das áreas administrativas dos diferentes Estados-Membros, encontra-se, em anexo, uma tabela com a correspondência entre os três níveis NUTS e as correspondentes unidades administrativas nacionais dos actuais 27 Estados-Membros da União Europeia. Além das designações nas línguas de origem, apresenta-se uma proposta para a designação em português, que poderá servir de base a posterior harmonização. A consulta da base IATE⁽⁵⁾ permitirá a verificação das traduções adoptadas noutras línguas. Indica-se o número das fichas IATE que tratam de unidades administrativas com poderes concretos⁽⁶⁾.

Igualmente pertinente seria reflectir sobre o termo inglês «district» e a forma como o traduzimos. O que será um «district»? Será uma grande divisão administrativa ou judicial ou será apenas um bairro ou quarteirão?...

joana.mercedes@gmail.com

⁽²⁾ O termo «count» é usado como título nobiliárquico em França, Itália, etc. (Cf. *Oxford Advanced Learners' Dictionary of Current English*: Title of nobility in France, Italy, etc. (but not in GB)).

⁽³⁾ Definição do *Collins Cobuild English Dictionary*: «A county is a region of Britain, Ireland, or the USA which has its own local government».

⁽⁴⁾ Exceptuam-se a Carolina do Sul, onde se usa «district», a Luisiana, onde se usa «parish», e o Alasca, onde se usa «borough».

⁽⁵⁾ <http://iate.europa.eu>.

⁽⁶⁾ Anexo II: Unidades administrativas existentes. Regulamento (CE) n.º 1059/2003 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 26 de Maio de 2003, relativo à instituição de uma Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas (NUTS). <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CONSLEG:2003R1059:20081211:PT:PDF>.

Correspondência entre os níveis NUTS e as unidades administrativas e/ou estatísticas dos diferentes Estados-Membros⁽⁷⁾

Estado-Membro		NUTS-1		NUTS-2		NUTS-3	
		<u>Länder</u>	16	<u>Regierungsbezirke</u>	39	<u>Kreise</u>	499
Alemanha	DE	(Estados federados) Ver IATE:262354		(Regiões administrativas) Ver IATE:3502103		(Distritos) Ver IATE:304553	
Áustria	AT	Gruppen von Bundesländern (Grupos de Estados federados)	3	<u>Bundesländer</u> (Estados federados) Ver IATE:3502094	9	Gruppen von Politischen Bezirken (Grupos de regiões)	35
Bélgica	BE	<u>Gewesten/ Régions</u> (Regiões) Ver IATE:265487	3	<u>Provincies/ Provinces</u> (Províncias) Ver IATE:258189	11	<u>Arrondissementen/ Arrondissements</u> (Distritos) Ver IATE:878234	43
Bulgária	BG	Райони (Regiões)	2	Райони за планиране (Regiões-plano)	6	<u>Области</u> (Distritos) Ver IATE:3502196	28
Chipre	CY	—	1	—	1	—	1
Dinamarca	DK	—	1	<u>Regioner</u> (Regiões) Ver IATE:3502105	5	Landsdele (Distritos)	15
Eslováquia	SK	—	1	Oblasti (Zonas)	4	<u>Kraje</u> (Regiões) Ver IATE:3502452	8
Eslovénia	SI	—	1	Kohezijske regije (Regiões de coesão)	2	Statistične regije (Regiões estatísticas)	12
Espanha	ES	Agrupación de comunidades autónomas (Grupos de comunidades autónomas)	7	<u>Comunidades y ciudades autónomas</u> (Comunidades autónomas e cidades autónomas) Ver IATE:783960	19	<u>Provincias + islas + Ceuta y Melilla</u> (Províncias + ilhas + Ceuta e Melilha) Ver IATE:264857	59
Estónia	EE	—	1	—	1	Maakondade rühmad (Grupos de distritos)	5

⁽⁷⁾ Para mais informações, consultar: EUROSTAT — *Portrait of the Regions* (disponível apenas em língua inglesa).
<http://circa.europa.eu/irc/dsis/regportraits/info/data/en/>.

Estado-Membro		NUTS-1		NUTS-2		NUTS-3	
Finlândia	FI	Manner-Suomi, Ahvenanmaa/Fasta Finland, Åland (Finlândia continental e Alanda)	2	Suuralueet/ Storområden (Províncias)	5	<u>Maakunnat/Landskap</u> (Regiões) Ver IATE:3502070	20
França	FR	ZEAT + DOM (Zonas de estudos e de ordenamento do território + departamentos ultramarinos)	9	<u>Régions + DOM</u> (Regiões + departamentos ultramarinos) Ver IATE:3502100	26	<u>Départements + DOM</u> (Departamentos + departamentos ultramarinos) Ver IATE:3502088	100
Grécia	GR	ομάδες αναπτυσσόμενων περιφερειών (Grupos de regiões de desenvolvimento)	4	<u>Περιφέρειες</u> (Regiões) Ver IATE:3502218	13	<u>Νομοί</u> (Departamentos) Ver IATE 3502451	51
Hungria	HU	Statisztikai nagy régiók (Grandes regiões estatísticas)	3	Tervezési- statisztikai régiók (Regiões de planeamento e estatísticas)	7	<u>Megyeék+ Budapest</u> (Distritos + Budapeste) Ver IATE:3502084	20
Irlanda	IE	—	1	Regions (Regiões)	2	Regional Authority Regions (Autarquias regionais)	8
Itália	IT	Gruppi di regioni (Grupos de regiões)	5	<u>Regioni</u> (Regiões) Ver IATE:3502099	21	<u>Province</u> (Províncias) Ver IATE:3502086	107
Letónia	LV	—	1	—	1	Reģioni (Regiões)	6
Lituânia	LT	—	1	—	1	<u>Apskritis</u> (Distritos) Ver IATE:3502085	10
Luxemburgo	LU	—	1	—	1	—	1
Malta	MT	—	1	—	1	Gzejjer (Ilhas)	2
Países Baixos	NL	Landsdelen (Zonas)	4	<u>Provincies</u> (Províncias) Ver IATE:3502095	12	COROP regio's (Regiões COROP)	40

Estado-Membro		NUTS-1		NUTS-2		NUTS-3	
Polónia	PL	Regiony (Regiões)	6	<u>Województwa</u> (Voivodatos) Ver IATE:3502093	16	Podreregiony (Sub-regiões)	66
Portugal	PT	Portugal continental, Açores e Madeira	3	Comissões de coordenação regional e regiões autónomas	7	Grupos de concelhos	30
Reino Unido	UK	<u>Government Office Regions:</u> <u>Country</u> (Regiões da Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte) Ver IATE:3502193	12	Counties (some grouped); Inner and Outer London; Groups of unitary authorities (Grupos de condados, Grande Londres e grupos de autarquias unitárias)	37	Upper tier authorities or groups of lower tier authorities (unitary authorities or districts) (Grupos de autarquias unitárias e de distritos)	133
República Checa	CZ	—	1	Oblasti (Zonas)	8	<u>Kraje</u> (Regiões) Ver IATE:3502450	14
Roménia	RO	Macroregiuni (Macrorregiões)	4	Regiuni (Regiões)	8	<u>Judete + Bucureşti</u> (Distritos + Bucareste) Ver IATE:3501754	42
Suécia	SE	Landsdelar (Zonas)	3	Riksområden (Regiões)	8	<u>Län</u> (Distritos) Ver IATE:188891	21
EU-27	—	—	97	—	271	—	1303



Falsos amigos português–espanhol / español–português

Uma contribuição⁽¹⁾

Monique da Silva
Université de Paris–VIII

PORTUGUÊS	<i>equivalente español</i>	ESPAÑOL	<i>equivalente português</i>
açafata (ant.: camareira, dama da rainha)	azafata, menina, camarera <i>demoiselle ou dame d'honneur</i>	azafata	hospedeira do ar, aeromoça (Bras.) <i>hôtesse de l'air</i>
admirado (ficar)	sorprendido (quedarse) <i>être étonné</i>	admirado por todos	admirado por todos <i>admiré de tous</i>
admirar-se	extrañarse <i>s'étonner</i>	admirar	admirar <i>admirer</i>
andar	piso <i>étage, appartement</i>	andar	andar <i>marcher</i>
bacia	palangana, jofaina <i>cuvette</i>	vacía (adj.) (misma pronunciación: v = [b])	vazia <i>vide</i>
bacio	orinal <i>pot de chambre</i>	vacío	vazio <i>vide</i>
barbaridade	barbaridad <i>barbarie</i>	barbaridad: decir barbaridades; ¡qué barbaridad! una barbaridad comimos una barbaridad	grande disparate: dizer asneiras <i>sortir des énormités;</i> é incrível <i>c'est incroyable;</i> uma grande quantidade comemos muitíssimo <i>nous avons mangé énormément</i>
barão	barón <i>baron</i>	varón (ser humano de sexo masculino) (misma pronunciación: v = [b])	homem, rapaz, varão <i>homme, garçon</i>
barra	barra <i>barre</i>	barra (de un bar); barra (de labios)	balcão <i>comptoir;</i> batom <i>rouge à lèvres</i>
barriga da perna	pantorrilla <i>mollet</i>	barriga (coloq.)	ventre, abdómen <i>ventre</i>
bilhete de identidade	carne de identidad <i>carte d'identité</i>		
bilhete postal	tarjeta postal <i>carte postale</i>		
Bolas!	¡Caracoles! ¡Cáspita! ¡Caramba! <i>Flûte !</i>	bolas	bolas <i>boules</i>

⁽¹⁾ **Nota da redacção:** Publicamos neste número de «a folha» uma lista de falsos cognatos português–espanhol (e respectivas equivalências em francês) que nos foi enviada por Monique da Silva, tendo algumas entradas sido completadas pela redacção. Esta lista constitui um excelente complemento da *Lista de falsos amigos português–espanhol / español–português* publicada no n.º 23 de «a folha» e no n.º 100 de «puntoycoma» (http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha23_pt.pdf, http://ec.europa.eu/translation/bulletins/puntoycoma/100/index_es.htm). Esta contribuição de Monique da Silva foi igualmente publicada no «puntoycoma» n.º 111, Janeiro–Fevereiro de 2009 (http://ec.europa.eu/translation/bulletins/puntoycoma/111/index_es.htm).

PORTUGUÊS	<i>equivalente español</i>
bolsa (de estudo)	beca <i>bourse</i>
bomba de gasolina	gasolinera <i>pompe à essence</i>
câmara (municipal)	ayuntamiento, alcaldía <i>mairie</i>
carregar (no botão)	pulsar (el botón) <i>appuyer sur le bouton</i>
cassete (a)	casete (la/el) <i>la cassette</i>
cedo	temprano <i>tôt</i>
Chega!	¡Basta! <i>Ça suffit !</i>
cimento	cemento <i>ciment</i>
cólera (a) (paixão e doença)	la cólera <i>la colère</i> el cólera <i>le choléra</i>
comboio	tren <i>train</i>
comprido	largo <i>long</i>
concha (colher de tirar a sopa)	cucharón, cacillo <i>louche</i>
conferência	conferencia <i>conférence</i>
copo-de-água (beberete)	cóctel <i>cocktail</i>
corrente	cadena <i>chaîne</i>
corte (curral, malhada)	corral, pocilga <i>basse-cour, porcherie</i>
coxa	muslo <i>cuisse</i>
direcção	dirección <i>direction</i>
divisão («casa com 2 divisões»)	cuarto, habitación <i>pièce</i>
duro	duro (adj.)
enganar-se	equivocarse <i>se tromper</i>
engano	equivocación <i>erreur</i>

<i>ESPAÑOL</i>	<i>equivalente português</i>
cámara	máquina fotográfica, máquina de filmar <i>caméra</i>
cargar	carregar <i>charger</i>
el casete	gravador <i>magnétophone</i>
cedo (yo)	eu cedo <i>je cède</i>
llega (v.) (no tiene valor exclamativo)	chega
los cimientos	os alicerces <i>les fondations</i>
convoy	conjunto de carruagens ou de barcos <i>convoi</i>
cumplido (participio); cumplido (n.)	cumprido, completo, perfeito <i>accompli</i> ; amabilidade, cortesia <i>compliment, politesse</i>
conferencia	chamada telefónica <i>communication téléphonique</i>
corriente (de un río)	corrente de um rio <i>courant d'une rivière</i>
corte (real); las Cortes	corte (real) <i>cour</i> ; Parlamento <i>Assemblée Nationale et Sénat</i>
coja (adj.)	coxa <i>boiteuse</i>
dirección	endereço <i>adresse</i>
división (de «dividir»)	divisão <i>division</i>
no tener ni un duro (duro: 5 pesetas)	não ter nem um centavo <i>ne pas avoir un sou</i>
engañar	enganar <i>tromper</i>
engaño	logro <i>tromperie</i>

PORTUGUÊS	equivalente español
fiambre	jamón de Yor(k) <i>jambon cuit</i>
fonte	fuelle <i>fontaine</i>
guiar um carro	conducir un coche <i>conduire une voiture</i>
homem	hombre, varón <i>homme</i>
intermitente	intermitente <i>intermittent</i>
jornal	periódico <i>journal</i>
judia (fem. de judeu)	judía <i>juive</i>
luar	claro de luna <i>clair de lune</i>
maçã	manzana <i>pomme</i>
menino/a menina	niño/a <i>petit garçon, petite fille</i> niña (de los ojos) <i>prunelle (des yeux)</i>
mijo	meada / orina <i>pisser, pipi</i>
milho	maíz <i>maïs</i>
monte (alentejano)	heredad, casa de una finca (en el Alentejo) <i>propriété en Alentejo</i>
novela	novela corta <i>nouvelle</i>
novo (homem)	joven (hombre) <i>jeune (homme)</i>
pagode (pândega)	juerga, jaleo <i>bringue, foire</i>
pele	piel <i>peau</i>
periódico (adj.)	periódico <i>périodique</i>
perceber	entender, comprender <i>comprendre</i>
peru	pavo <i>dindon, dinde</i>
pescada	merluza <i>merluce, collin</i>
pinha	piña <i>pigne</i>

ESPAÑOL	equivalente português
fiambre; fiambre (coloq.)	carne fria <i>viande froide;</i> cadáver <i>cadavre</i>
fuelle	travessa <i>plat</i>
guiar un carro	levar uma carroça na direcção certa <i>guider une charrette</i>
¡Hombre! (interj. de sorpresa)	Ora essa! <i>Quoi !, Tiens !, Allons donc !</i>
intermitente	pisca–pisca <i>clignotant</i>
jornal	jorna (salário quotidiano de um trabalhador) <i>salaire journalier</i>
judía	feijão <i>haricot</i>
lunar (en la piel); tela de lunares	sinal <i>grain de beauté;</i> tecido às bolinhas <i>tissu à pois</i>
manzana (de casas)	quarteirão <i>pâté de maisons</i>
menino/a (como las del cuadro de Velázquez)	pajem, aia, açafata <i>page, demoiselle d'honneur</i>
mijo	milho miúdo <i>millet / mil</i>
milllo / mijo	milho miúdo <i>millet / mil</i>
monte	monte <i>mont</i>
novela	romance <i>roman</i>
nuevo (objeto)	novo (objecto) <i>neuf (objet)</i>
pagoda	pagode <i>pagode</i>
piel	cabedal, couro / coiro <i>cuir</i>
periódico (n.)	jornal <i>journal</i>
percibir	receber (um salário, uma coisa); compreender; aperceber–se; perceber (uma situação) <i>percevoir</i>
(el) Perú	Peru <i>le Pérou</i>
pescada (participio)	pescada <i>pêchée</i>
piña	ananas <i>ananas</i>

PORTUGUÊS	<i>equivalente español</i>
presidente (da Câmara)	alcalde <i>maire</i>
primo	primo <i>cousin</i>
prisão (de ventre)	estreñimiento <i>constipation</i>
plátano	plátano <i>platane</i>
pulso	muñeca <i>poignet</i>
queixo	barbilla, mentón <i>menton</i>
quinta	jueves <i>jeudi</i>
quintal (horta ou jardim junto de uma casa de habitação)	huerto <i>jardin potager</i>
ramo (de árvore)	rama (de árbol) <i>branche d'arbre</i> (<i>petite branche: rameau</i>)
rapaz	niño, mozo <i>garçon, jeune homme</i>
receita	receta <i>recette</i>
reformado (aposentado)	jubilado <i>retraité</i>
ribeiro	arroyo <i>ruisseau</i>
sacada	balcón <i>balcon</i>
salto	tacón <i>talon (chaussure)</i>
sinal (na pele)	lunar <i>grain de beauté</i>
sino	campana <i>cloche</i>
sobre	sobre (prep.) <i>sur</i>
soluços (ter)	tener hipo <i>avoir le hoquet</i>

<i>ESPAÑOL</i>	equivalente português
presidente	presidente <i>président</i> primeiro-ministro <i>premier ministre</i>
ser un primo	ser alguém que se deixa levar facilmente <i>ingénu</i>
prisión	prisão <i>prison</i>
plátano	banana <i>banane</i>
pulso; muñeca	pulso <i>pouls;</i> boneca <i>poupée</i>
queso	queijo <i>fromage</i> (o «s» espanhol pronuncia-se quase como o «ch» português)
quinta (adj.)	quinta <i>cinquième</i>
quintal (cuatro arrobas)	quintal <i>quintal</i>
ramo (de flores)	ramo, ramalhete <i>bouquet</i>
rapaz	rapace, ave de rapina <i>rapace</i> rapaz <i>gamin</i>
receta	prescrição de um médico <i>ordonnance</i>
reformado	protestante <i>protestant (de l'Église réformée)</i> remodelado <i>renové, modernisé</i>
ribera	ribeira <i>rive</i> (<i>rivière: rio/río</i>)
sacada (participio)	tirada <i>extraite, sortie</i>
salto (de «saltar»)	salto <i>saut</i>
(la) señal	(o) sinal <i>le signal, le panneau</i>
sino	destino, sina <i>destin</i>
un sobre	um envelope <i>une enveloppe</i>
sollozo	choro, soluço <i>sanglot</i>

PORTUGUÊS	<i>equivalente español</i>	ESPAÑOL	<i>equivalente português</i>
suspender	suspender, colgar, interrumpir <i>suspendre</i>	suspender (en un examen); suspendido (en un examen)	chumbar, reprovar (num exame) <i>recaler, être recalé, ne pas être reçu;</i> chumbado, reprovado <i>recalé</i>
talho	carnicería <i>boucherie</i>	tallo	talo, haste (de flor ou planta) <i>tige</i>
tribunal	tribunal <i>tribunal</i>	tribunal (de una tesis doctoral)	júri (de uma tese de doutoramento) <i>jury (d'une thèse de doctorat)</i>
vale (postal)	giro <i>mandat</i>	¡Vale!	Muito bem!, De acordo! <i>Bon!, D'accord!, Parfait!</i>
vermelho	rojo <i>rouge</i>	bermejo	ruivo claro <i>blond/roux</i>

monique.dasilva@free.fr



Português para Estrangeiros Idiossincrasias curiosas da língua portuguesa

Augusto Múrias
Parlamento Europeu

estar por/ estar para + INF

Estar por + infinito representa porventura a forma com o sentido de futuro mais conveniente, porque, podendo parecer ser futuro, na verdade, não o é. Explicando melhor: se *algo está por fazer*, significa que ainda não foi feito até à data. Mas isso não implica que alguma vez o venha a ser feito realmente. Sugere antes, de forma descomprometida, a possibilidade de realização futura. Esta é também a acepção de uma frase como:

Ainda estou por saber quem foi afinal o responsável por todo este imbróglio.

Já a expressão *estar para + INF* aponta para a possibilidade de realização de uma acção, ao indicar a intenção de o fazer:

A Joana está para escrever um livro há vários anos. Sempre quero ver quando o irá fazer.

Esta *nuance* semântica de relevo explica dois aspectos que, bem vistas as coisas, são complementares: por um lado, uma expressão de tempo que remete para um futuro próximo, como *a todo o momento*, é naturalmente mais compatível com *estar para + INF*:

Estou para ver a todo o momento como é que ele se vai safar desta.

Além disso, a referida *nuance* condiciona, por razões de natureza lógico-semântica, a permuta dos verbos na forma infinitiva em ambas as construções:

*O avião está para chegar a todo o momento./? O avião está por chegar.
Está ainda por /?para produzir o remédio que cura todos os males.*

Esclareça-se que a expressão *estar para* + *INF*, quando empregue na negativa, ou com sentido negativo, tem uma acepção diferente, semelhante a *não estar disposto a*, *não querer*. Faz assim lembrar a expressão brasileira *estar a fim de* + *INF*, a qual, porém, tanto pode ser utilizada na afirmativa como na negativa:

Não estou para esperar tanto tempo nesta fila que nunca mais acaba!

cf. caso particular de expressão na afirmativa, mas com sentido negativo: *Mas eu alguma vez estou para esperar tanto tempo nesta fila que nunca mais acaba?*

Em contraponto a *estar por* + *INF*, a expressão *ficar por* + *INF* afasta a realização de uma acção no futuro, pelo menos, nas condições definidas à partida:

Eu sei que devia ter feito este trabalho, mas fica por fazer. Estou seguro de que alguém o fará depois de mim.

A construção *ser por* + *INF*, que, em vez do verbo, admite um nome/pronome, tem a acepção de *ser a favor de*:

Pessoalmente, sou pelo que ele acaba de propor, porque me parece fazer todo o sentido.

Já a construção *ser para* + *INF* afirma a necessidade imperativa de realizar uma acção:

Este relatório é para ser escrito sem falta até às cinco da tarde!

Se o estudo das preposições causa muitas dificuldades ao falante não nativo devido ao embaraço de as agrupar segundo acepções precisas consoante as combinações lexicais, essas dificuldades aumentam quando uma preposição se junta a um verbo para gerar um significado que, habitualmente, não corresponde a um suposto somatório de significados parcelares⁽¹⁾. Vejamos outro exemplo a propósito da preposição *por* (escolhida de forma totalmente arbitrária para a elaboração do presente texto):

fazer por + *INF*: esforçar-se por

Por mais trabalho que isso te dê, faz por produzires um relatório irrepreensível.

Esta construção conserva esta acepção se, em lugar de *INF*, estiver representado, por exemplo, um grupo pronominal, sujeito a determinadas restrições de selecção semântica:

Vai ser difícil escrever o relatório até às cinco da tarde, mas vou fazer por isso.

Igualmente frequentes são outras construções que, no seu contexto imediato, requerem uma forma verbal diferente, designadamente o particípio passado, como no caso de *ter por* + *PART*, na acepção de *considerar*:

Tenho por provado que ele cometeu o acto com intenção danosa.

Confronte-se, numa acepção próxima, *dar por* + *PART*:

⁽¹⁾ Já uma construção como *interessar-se por* + *INF* ilustrará uma excepção ao que se acaba de afirmar.

O tribunal deu por provado que ele cometeu o acto com intenção danosa.

Porém, se a construção *dar por* vier combinada com um *nome/pronome*, tem as acepções de *notar algo/alguém; compreender*:

Ele tentou enganar-me, mas eu não tardei a dar pela marosca.

Imagina que eles estiveram na mesma festa, mas ela nem sequer deu por ele.

Para finalizar, refira-se o emprego, teoricamente não sujeito a quaisquer restrições de selecção semântica, de formas verbais duplas por repetição, em que a causa deve ser interpretada como *sem razão particular*:

Ele ri por rir, porque a vontade dele era antes chorar!

augusto.murias@europarl.europa.eu

Exoneração de responsabilidade: Os textos incluídos são da responsabilidade dos autores, não reflectindo necessariamente a opinião da Redacção nem das instituições europeias.

A Redacção é responsável pela linha editorial de «a folha», cabendo-lhe decidir sobre a oportunidade de publicação dos artigos propostos.

Redacção: Paulo Correia (Comissão); Renato Correia (PE); Fernando Gouveia (TJCE); Manuel Leal (Conselho da UE); António Raúl Reis (Serviço das Publicações); Manuel Silveira (CESE–CR)

Grupo de apoio: Hilário Leal Fontes (Comissão); Susana Gonçalves (Comissão); Ana Lorenzo Garrido (Comissão); Victor Macedo (CESE–CR); António Mendes da Costa (Conselho da UE)

Paginação: Susana Gonçalves (Comissão)

Envio de correspondência: dgt-folha@ec.europa.eu

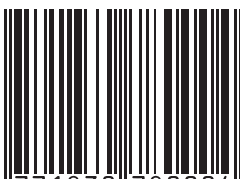
Edição impressa: oficinas gráficas do Serviço de Infra-Estruturas e Logística — Bruxelas (Comissão)

Edição electrónica: sítio Web da Direcção-Geral da Tradução da Comissão Europeia no portal da União Europeia — <http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine>

Os artigos contidos neste boletim podem ser reproduzidos mediante indicação da fonte e do autor.

«a folha» ISSN 1830 780 9

ISSN 1830-780-9



91771830780004